

ProfMat 2002, em Viseu

José Manuel Duarte

A um mês de distância, o que é que, do ProfMat 2002, me deixou o coração aquecido? Sim, do último, havido na cidade de Viseu, bela, crescida e cheia de rotundas (não gozem com as n rotundas viseenses, porque elas são úteis e estão bem desenhadas).

Primeiro que tudo, a alegria de ter revisto fulano(s) e fulana(s), aquelas caras conhecidas que não consigo ligar a nenhum nome. Em especial, ter revisto amigos por cuja saúde temia, o que suplanta o desgosto por não ter revisto alguns amigos que estiveram ausentes.

Que mais salientar? Optei por, num texto naturalmente curto e cingido ao fundamental (não querem saber o que é que eu almocei no dia do encerramento, pois não?), o fazer de forma impressionista, já que um pequeno acidente doméstico recente me obriga a escrever de memória.

Ficção científica

Estive num dos Cursos que, juntamente com o Seminário de Investigação, ocupam os dois dias que precedem os ProfMats. A Ana Isabel Rosendo e o Jaime Carvalho e Silva

apresentaram um cenário futurista: conjecturar "teoremas" geométricos com a ajuda do *Sketchpad*, e depois demonstrá-los com um programa de manipulação simbólica, enriquecido com umas *macros* adequadas, pelo Miguel de Guzmán. (Continuo a achar que, se planeado, os Cursos do ProfMat poderiam associar-se a outras formações curtas, sediadas local ou distritalmente, com tema consonante, e assim conceder um crédito oficial aos participantes. Difícil? Sem dúvida! Impossível? Não acredito! Ideia polémica? Claro!...).

A Assembleia da República em Viseu

Nos tempos que correm, era de esperar. A Direcção da APM, pela boca, oficial, do Fernando Nunes e pela posição, oficiosa, da conferência de encerramento, contrapôs-se ao discurso do ministro da Educação: contradições evidentes, e entretanto uma cordialidade mútua estimável. O ministro apresentou algumas ideias fortes mas bastante fragmentadas, o presidente da APM reafirmou o rumo da Associação, criticando alguns aspectos da política educativa actual. Apreciei o facto de ideias terem sido postas em confronto, só gostaria que tivesse havido mais espaço e ocasião para o difícil mas necessário debate dessas ideias.

O Encontro teve, entretanto, alguns bons debates, que tanto aprecio e de que tenho pena de ter estado ausente: o mérito ou os perigos de estudos como o Pisa, e como deseja-



velmente se articularão, investigação, formação e prática lectiva, por exemplo... (Havendo tantas sensibilidades sobre problemas candentes do ensino da Matemática, nem se compreendia que não houvesse cada vez mais um esforço para propiciar debates, que só podem enriquecer a democracia da nossa Associação e dinamizar a sua intervenção).

Ciência e arte

Assisti a uma sessão do Eduardo Veloso de que me vou lembrar por muitos anos: Piero de la Francesca, a pintura renascentista italiana e a matemática da perspectiva: os personagens dos quadros deixarem de ser só Deus, os anjinhos e a Madonna (não é esta, é a outra), multidões e paisagens a ganharem direito à imagem, e nós a vermos, com o Eduardo, a Toscânia, os quadros e as suas cores e a sua gente, real porque em perspectiva: uma revolução em relação a todo o precedente da Humanidade e da Arte, apresentada nas suas explicações matemáticas com o *Sketchpad*. (Pensei: que vídeo maravilhoso para a Universidade Aberta, a RTP, o Ministério, o DES, a APM, ou sei lá quem, gravar e permitir a escolas, professores, alunos e cidadãos terem o mesmo prazer e enriquecimento de que eu, um das poucas centenas de assistentes, pude disfrutar).

Assisti a conferências estimulantes do inglês John Mason, sobre a importância de se estimular a produção de imagens mentais, e do sul-africano De Villiers, sobre como conceber a demonstração em Geometria com a utilização de programas de geometria dinâmica, como o *Sketchpad* ou o *Cabri* (e pude participar numa sessão prática correspondente deste último).

Assisti a uma conferência da Lurdes Serrazina, da Joana Brocado e de um colega investigador estrangeiro, a viver na Holanda, sobre o desempenho de miúdos do 1º ciclo, na resolução de problemas e tarefas matemáticas, desempenho que varia conforme o contexto do enunciado da tarefa.



A cultura, “amiga” do espírito científico

Assisti a uma estupenda conferência do biólogo Alexandre Quintanilha responsável por uma prestigiada instituição com sede no Porto e recente co-autor de linhas orientadoras para enfrentar a droga sobre o risco, e sobre a percepção e a avaliação que fazemos desse risco, risco que está sempre associado à inovação e às descobertas científicas. Esta questão, essencial para a visão da cidadania e para a decisão política, varia enormemente consoante certas variáveis de tipo psicológico, sociológico ou outros, como mostrou Quintanilha, à base de exemplos convincentes.

Adeus, até ao meu regresso

Por fim, direi que as instalações e a alimentação corresponderam (mais uma obra, entre outras, da organização). E, apreciei (embora o portamodas disso se ressentisse) a tradi-

cional variedade e qualidade de materiais presentes, da APM, de editoras e outras instituições, estrangeiras inclusivamente: livros, calculadoras, programas, que sei eu? E andei entretido a congeminar soluções para o costumeiro “Problema do ProfMat”...

Numa “nau” tão grande, faltaram me locais de descanso e convívio, adjacentes às salas das actividades do Encontro (ou fui eu que não os procurei devidamente?).

Ficou-me a recordação, em muitos momentos, da frustração, mas também da satisfação, de ter que fazer opções (perder três coisas interessantes, para assistir a outra a decorrer em simultâneo). Daí, tanta coisa boa que o ProfMat teve, e de que eu estive miseravelmente ausente, e este texto comigo, o desgraçado...

Uma recordação geral grata, a do ProfMat 2002, em Viseu.

José Manuel Duarte
Esc. Sec. Fernando Lopes Graça